



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

EDILZA ARAÚJO SANTOS

**A FAMÍLIA AUSENTE, APRENDIZAGEM DEFICIENTE: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E O RENDIMENTO ESCOLAR DO ALUNO DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

EDILZA ARAÚJO SANTOS

**A FAMÍLIA AUSENTE, APRENDIZAGEM DEFICIENTE: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E O RENDIMENTO ESCOLAR DO ALUNO DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao **Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares**, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237f Santos, Edilza Araújo
A Família ausente, aprendizagem deficiente [manuscrito] : um estudo sobre a relação entre família e o rendimento escolar do aluno do 6º ano do ensino fundamental / Edilza Araújo Santos. - 2014.
29 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Carlos Pereira de Almeida, Departamento de Letras".

1. Escola. 2. Família. 3. Aluno. 4. Integração. I. Título.
21. ed. CDD 371.192

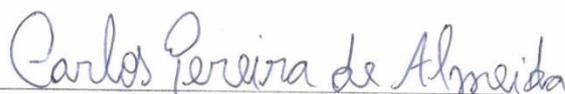
EDILZA ARAÚJO SANTOS

**A FAMÍLIA AUSENTE, APRENDIZAGEM DEFICIENTE: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E O RENDIMENTO ESCOLAR DO ALUNO DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^o Me. Carlos Pereira de Almeida

BANCA EXAMINADORA



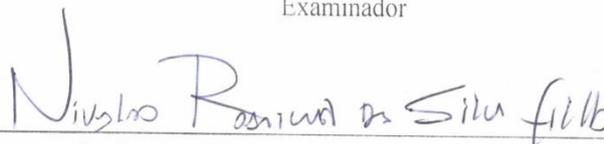
Prof^o Me. Carlos Pereira de Almeida/ UEPB

Orientador



Prof^o Me. Alessandro Giordano/ UEPB

Examinador



Prof^o Me. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho/ UEPB

Examinador

Aprovada em 27/09/2014

Dedico este trabalho a todos aqueles que perseveram e que, apesar das dificuldades do caminho, sempre buscam uma maneira de alcançar seu objetivo.

AGRADECIMENTOS

Estudar para mim sempre envolveu um pouco de desafio: é sempre a chance de alcançar novos horizontes, adquirir novos conhecimentos e até recordar de alguns conceitos esquecidos. De tal forma este delicioso e árduo desafio só me foi possível com a ajuda de pessoas que me depositaram sua confiança, e às quais quero agradecer.

Agradeço a Deus, por toda oportunidade que Ele me proporciona e por iluminar meu caminho.

À minha família, meu alicerce. À Mailton, meu companheiro, por seu amor e compreensão nas horas mais difíceis.

Ao meu orientador Professor Carlos Pereira de Almeida, por sua rica contribuição e atenção ao meu trabalho. Bem como aos demais integrantes da banca pelas críticas e apontamentos que com certeza engrandecerão esta monografia.

Agradeço a meus amigos Adriano Santos e Néia Macedo, sempre presentes e dispostos a ouvir, ler e reler meu trabalho tantas vezes possível.

Agradeço por fim, a cada professor do curso de especialização, pelo aprendizado e pela troca de experiências. E também aos meus colegas de turma, cada um, com sua história e experiência, tornaram o caminho mais divertido e proveitoso.

“Por melhor que seja uma escola, ela nunca vai suprir a carência de uma família ausente. Portanto, a família deve participar de verdade do processo educativo de seus filhos.”
Gabriel Chalita

RESUMO

Família e escola são os principais responsáveis pelo processo cognitivo, educacional e social do ser humano. A deficiência de uma dessas duas instituições afeta diretamente o desenvolvimento da criança. O aluno do 6º ano do ensino fundamental sente ainda mais as consequências, em decorrência das transições bastante comuns a esta fase, dentre as quais citamos a passagem da infância para a adolescência e a inclusão no modelo curricular com respectivo professor para cada disciplina. Índices alarmantes de evasão escolar, repetências, bem como queixas de professores por conta da indisciplina, são cada vez mais frequentes. Estudos comprovam a necessidade da presença da família no ambiente escolar como uma das soluções para melhorar a educação brasileira. Neste trabalho são levantadas questões acerca da integração família/escola, relacionando a presença/ausência dos pais como fator determinante para o sucesso/fracasso escolar do aluno do 6º ano do ensino fundamental.

Palavras chave: Família. Escola. Aluno. Integração.

RESUMEN

Familia y escuela son los principales responsables por el proceso cognitivo, educacional y social del ser humano. La deficiencia de una de estas dos instituciones afecta directamente el desarrollo del niño. El alumno del 6° grado de Enseñanza Primaria sufre todavía más las consecuencias, pues se trata de una fase llena de transiciones: de la infancia a la adolescencia, de apenas un profesor polivalente para distintos profesores para las disciplinas, etc. Índices alarmantes de deserción escolar, repetición, así como quejas de profesores por cuenta de indisciplina son cada vez más frecuentes. Estudios comprueban la necesidad de la presencia de familia en el ambiente escolar como una de las soluciones para mejorar la educación brasileña. En este trabajo monográfico algunos cuestionamientos son abordados acerca de la integración familia/escuela, relacionando la presencia/ausencia de los padres como un factor determinante para el suceso/fracaso escolar del alumno del 6° grado de enseñanza primaria.

Palabras clave: Familia. Escuela. Alumno. Integración.

SUMÁRIO

-INTRODUÇÃO	10
1- CAPÍTULO 1.....	13
A ESCOLA, A FAMÍLIA E A APRENDIZAGEM	13
2- CAPÍTULO 2.....	17
DISCUTINDO ALGUNS DADOS DO MEC	17
2.1- A EVASÃO E REPROVAÇÃO NO BRASIL	17
2.2- DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE	19
3- CAPÍTULO 3.....	21
PESQUISANDO O 6º ANO NA EEEFM PROFESSOR ANTÔNIO OLIVEIRA	21
3.1- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	22
-CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
-REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A	29

INTRODUÇÃO

A família e a escola são instituições distintas, porém com funções parecidas e importantes para o desenvolvimento e formação do cidadão. A família é o primeiro ambiente social da criança, responsável por transmitir os valores, crenças e padrões, gerando fortes influências na vida e comportamento do indivíduo. A escola, por sua vez, surge como o ambiente onde, através dos componentes curriculares, o indivíduo possa adquirir conhecimento, estabeleça uma rotina, desenvolva sua convivência em grupo e aprenda a respeitar normas e regras (DESSEN & POLONIA, 2007, p. 22). Tratam-se, portanto, de dois eixos fundamentais na evolução do cidadão. Segundo Baltazar *et al.* (2006, p. 47) “três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituirão o tripé do processo educacional.”

O processo de aprendizagem vivido por uma criança não se relaciona somente no sentido de aquisição de conhecimento resultante do ensino. O conceito de aprendizagem possui um sentido mais amplo: “Aprendizagem é mais, pois significa a própria mudança que vai se operando no sujeito através das experiências” (ZANELLA, p. 25, 2003).

Segundo o Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Pesquisas recentes sobre a educação pública brasileira mostram altos índices de repetência e evasão escolar. Apesar de também associados a deficiências cognitivas e psicológicas da criança, atualmente muitos estudiosos relacionam diretamente o motivo do sucesso ou fracasso escolar dos alunos com a relação família/escola.

Sendo a educação de uma criança resultado das ações da família e da escola, a falha de um deles transparece através da própria criança, seus feitos e sua vida escolar. Atualmente é notório o distanciamento dos pais e responsáveis da vida escolar de seus filhos, transferindo assim toda a responsabilidade para a escola, instituição que nem sempre sabe tratar adequadamente o problema, afetando o único que não poderia ser atingido por esse processo: a criança.

Observamos, pois, que a base se dá na família. É por meio dela que o sujeito se estrutura, cria vínculos afetivos, inicia seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não é na escola que o desenvolvimento começa como pensam,

erroneamente, muitos pais, e grande parte dos problemas e conflitos entre escola e família reside aí, quando alguns pais querem atribuir somente à escola o dever de ensinar e educar, sem participar desta educação (SAMPAIO 2011, p.76).

Além do fato que a repetência, segundo algumas pesquisas, não significa melhor desempenho nos anos seguintes. De acordo com a publicação de outubro de 2003 da Revista Nova Escola:

[...] um estudo publicado no Journal of Family Psychology, da Associação Americana de Psicologia, as crianças que frequentam festas e reuniões familiares têm mais saúde, melhor desempenho escolar e maior estabilidade emocional. E mesmo o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 1999, apontou que nas escolas que contam com a parceria dos pais, onde há troca de informações com o diretor e os professores, os alunos aprendem melhor.

Com base nessas discussões, a presente monografia busca compreender a influência da família no processo de ensino aprendizagem do aluno do 6º ano do ensino fundamental. O tema na atualidade é bastante discutido, pois é cada vez mais cobrada a presença da família no ambiente escolar, e justamente por conta dos altos índices de evasão e repetência escolares. Almejando contribuir com tais discussões, e visando colaborar no campo das soluções possíveis da problemática apresentada, nosso trabalho monográfico, dividido em três partes, pretende obedecer ao seguinte percurso de abordagem.

No primeiro capítulo são abordadas algumas questões referentes à família, suas mudanças de formato e modelo ocorridas nas últimas décadas e sua influência no rendimento escolar da criança, e questões pertinentes ao universo escolar e seu papel em meio a toda essa transformação.

No segundo capítulo são discutidos recentes dados do MEC que mostram elevado nível de fracasso escolar. Só para se ter uma ideia inicial do que demonstram esses dados, em 2012, por exemplo, o Brasil teve a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), com 24,3%.

E no último capítulo são apresentados dados obtidos através da pesquisa que deu origem a esta monografia, visando relacionar a presença e acompanhamento dos pais na vida escolar da criança/adolescente e o seu desempenho escolar. A série escolar à qual se relaciona esta pesquisa (6º ano) é um tanto delicada: fase em que a criança sofre a mudança no âmbito escolar (deixa de ter apenas um professor e passa a ter vários) e no seu corpo (transição da

infância para a adolescência). Segundo dados do MEC, esta série é a que mais reprova nesta modalidade de ensino.

Nas considerações finais estão expostas conclusões atingidas após a reflexão das leituras das referências bibliográficas e resultados encontrados através da pesquisa.

É partindo desse pressuposto, ou seja, de que a integração família-escola é um importante fator para o rendimento escolar do aluno, que este trabalho se desenvolve, visando abordar e responder a questões pertinentes ao tema.

Capítulo 1: A escola, a família e a aprendizagem

A mudança social ocorrida no Brasil nos últimos vinte anos modificou a estrutura familiar e sua dinâmica. A modernidade trouxe um novo papel para os membros da família: a mãe que trabalha fora, o pai que cuida sozinho da família. Além do que o modelo familiar não se resume mais à família nuclear (mulher, marido e filhos biológicos). Existe “uma diversidade de famílias no que diz respeito à multiplicidade cultural, orientação sexual e composições” (OLIVEIRA & MARINHO-ARAUJO, 2010, p. 101). Estas mudanças resultaram na reorganização familiar, onde os pais com a correria do cotidiano têm se distanciado cada vez mais da vida escolar dos filhos, transferindo para a escola a responsabilidade que lhes caberia na educação da criança. Como lembram Vivaldo e Lopes (2007) “A educação familiar é um fator bastante importante na formação da personalidade da criança, desenvolvendo sua criticidade, ética e cidadania refletindo diretamente no processo escolar.”

A aprendizagem trata-se de um processo contínuo que se inicia a partir do nascimento do ser humano e só cessa com sua morte, o que significa dizer que em qualquer situação ou momento o indivíduo está aprendendo, porém variando seu comportamento e ótica à medida que aprende. “Sabe-se que é através da aprendizagem que o homem muda e transforma o meio” (ZANELLA, p. 25, 2003). E este processo de aprendizagem sofre interferências de fatores variados (intelectual, físico, social, etc.), porém o fator emocional é o que mais afeta boa parte da educação infantil.

A família é a primeira mediadora entre a cultura e a criança, e tem por responsabilidade a transmissão de valores morais, de acordo com a cultura em que vivem, ou seja, a instrução da criança acerca de seu papel social. É responsável pela educação primária do ser humano. Tais habilidades sociais aprendidas e desenvolvidas no seio familiar repercutem em outros ambientes em que a “criança, o adolescente ou mesmo adulto interagem, acionando aspectos salutareos ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos” (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001 *apud.* DESSEN E POLONIA, 2007, p 23). Ainda de acordo com Dessen e Polonia (2007), “contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações podem gerar problemas futuros, particularmente nas crianças.”

A instituição escola tem a função de socializar o saber científico, promovendo a aprendizagem e o desenvolvimento de funções como criatividade, associações de ideias, memórias seletivas etc. (OLIVEIRA, 2000).

Uma das características da aprendizagem é tratar-se de um processo gradual e pessoal: cada indivíduo, dependendo do seu próprio esforço, sua capacidade e motivação recebida, é autor de suas próprias conquistas, cada um no seu ritmo próprio de aprender (ZANELLA, 2003, p. 31). Por isso em situações em sala de aula, o professor deve sempre respeitar a singularidade do sujeito e cumprir o papel de incentivador: “O incentivo que ocorre em sala de aula deve ser suficientemente forte e eficaz de forma a envolver o aprendiz na situação de aprendizagem, oportunizando a ocorrência de mudanças desejáveis” (ZANELLA, 2003, p. 28).

Para Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 101):

Escola e família tem suas especificidades e suas complementariedades. Embora não se possa supô-las como instituições completamente independentes não se pode perder de vista suas fronteiras institucionais, ou seja, o domínio do objeto que as sustenta como instituições.

Na realidade, a grande parte dos professores responsabiliza os pais e a mudança ocorrida na estrutura da família pelo mau desempenho do aluno, enquanto que, por outro lado, pais e responsáveis atribuem aos educadores o baixo rendimento escolar de seus filhos. Na verdade, não se tem exatamente um culpado pelo fracasso escolar, posto que, para que ele ocorra, existe uma série de fatores envolvidos direta ou indiretamente. Porém, quando se trata da educação de um jovem, entende-se tal processo como um resultado da junção da intervenção da família e da escola. Lacerda (2007, p. 17) lembra que, apesar de se complementarem estas duas instituições, e embora tenham o mesmo objetivo, que é a educação da criança, ambas possuem papéis distintos neste processo:

O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança, essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo é a recriação deste.

Além do distanciamento dos pais da escola, a própria escola por sua vez tem negligenciado a família na elaboração de seu Projeto Político Pedagógico. Segundo Paro (*apud* VARANI; SILVA, 2009, p. 517) é preciso criar condições propícias para a participação dos pais na escola, pois:

[...] além de terem melhores condições de influir nas tomadas de decisão a respeito das ações e objetivos da escola, eles estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos, bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida, na medida em que esses adultos estarão mais

capazes, intelectualmente, de usufruir melhor de bens culturais a que têm direito e que antes não estavam a seu alcance.

Jardim (2006, p. 43) afirma que o bom relacionamento entre as duas instituições só traz benefício para o futuro da educação, pois estarão “contribuindo cada uma com sua experiência e respeitando as exigências de cada uma para que se possa evitar que o educando sofra as consequências”.

Para Picanço (2012, p.47) “[...] a articulação entre a escola e a família pode ajudar a ultrapassar as dificuldades e a contribuir para a aquisição ou a melhoria dos hábitos de estudo ao longo de toda a escolaridade.” Trata-se de um investimento a longo prazo, cuja iniciativa e persistência certamente resultarão numa realidade escolar mais humana e na configuração de estruturas familiares, sejam quais forem seus modelos, capazes de direcionar seus membros educandos, crianças e adolescentes, na construção de uma sociedade mais agregadora.

Fica claro que esta interação família/escola é vital para a construção de uma educação de qualidade, com espaço aberto para discussões e diálogos, onde o maior beneficiado será o aluno/filho.

No que concerne à questão do rendimento escolar, uma reclamação bastante frequente da escola, e que veio a ser muito relevante para o desenvolvimento deste trabalho monográfico é a falta da supervisão dos pais em relação a vida escolar de seus filhos, prejudicando o acompanhamento dos resultados relacionados a esse rendimento. Sendo assim, geralmente, a família só vem saber do insucesso da criança no final do ano letivo, quando não é possível mudar o quadro, e o aluno passa pelo tormento da reprovação.

Para Ramos (2003, p.219) o fracasso escolar não tem uma só causa, mas sim um “jogo de empurra-empurra” onde ora culpa é do professor, ora da família ou ate mesmo do próprio individuo. O fracasso escolar é um problema recente que surgiu no fim do século XIX com o estabelecimento da escolaridade obrigatória, decorrente das mudanças (estruturais, econômicas) da sociedade. (FIALE, 2012, p. 2).

De acordo com o inciso V do artigo 24 da LDB:

a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; aproveitamento de estudos concluídos com êxito; obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento

escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (1996, p. 10).

Desse modo, percebe-se que o rendimento escolar refere-se a uma série de fatores (como aprendizado, comportamento, desenvolvimento do aluno etc.) e não se resume apenas às notas. De acordo com Içami Tiba (2002 *apud* VIVALDO; LOPES, 2007), a supervisão e o interesse dos pais pela vida escolar dos filhos são grandes aliados contra a repetência. Segundo ele, “[...] se os pais acompanharem o rendimento escolar do filho desde o começo do ano, poderão identificar precocemente essas tendências e, com o apoio dos professores, reativar seu interesse por determinada disciplina em que vai mal”.

Capítulo 2: Discutindo alguns dados do MEC

2.1. A evasão e reprovação escolar no Brasil

A evasão escolar no Brasil não é um problema novo e não se trata de uma chaga nacional. Os altos índices de analfabetismo, repetência e o abandono escolar por parte dos jovens se tornaram uma grande preocupação e são questões frequentes em pesquisas e discussões de muitos educadores brasileiros.

Este problema tem raízes históricas fruto da distribuição desigual de renda e metodologia antiga do século XIX, quando culturalmente a educação era um direito da elite, excluindo a população pobre, a maioria. O grande desafio hoje é fazer uma escola de qualidade para todos.

Para Azevedo (2011, p.05) o problema da repetência e evasão escolar no Brasil é um dos maiores, senão o maior desafio, enfrentado pelo ensino público brasileiro, porque suas causas e efeitos estão diretamente vinculados a diversos fatores socioeconômicos, políticos e culturais. Além da péssima remuneração dos profissionais do magistério, as práticas didáticas ultrapassadas e a má preparação dos docentes em sua formação também têm contribuído para agravar ainda mais o problema.

Fukui (*apud* DA SILVA, 2011, p.04) ressalta que o apoio da família é importante, mas lembra que a escola não pode isentar-se da responsabilidade para com o aluno: "o fenômeno da evasão e repetência longe está de ser fruto de características individuais dos alunos e suas famílias. Ao contrário, refletem a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros destes diferentes segmentos da sociedade"

Lacerda e Cianorte (2007, p.02) lembram que os professores, por muitas vezes, são culpados pelo fracasso escolar do aluno, erroneamente, pois:

Os profissionais de educação, em particular os professores, não recebem por parte da escola, muitas vezes, até por certo comodismo da instituição e deles mesmos e também do decurso de sua formação, a base que lhes sirva de apoio para lidar com uma série de diversidades que irão encontrar em uma sala de aula.

Segundo dados do Censo Escolar de 2012, 1,6 milhões de estudantes não concluíram o ano letivo, nos ensinos fundamental e médio. A maior parte dos que abandonaram a escola no ensino fundamental estudava na escola pública (762 mil), ocorrendo a seguinte distribuição

estatística por estados: a Paraíba ocupou o segundo lugar no país com a taxa de abandono de 6,6%, seguido pelo estado do Amazonas com 5,6%, e só ultrapassado por Alagoas que tem a maior taxa de abandono (7,5%). No ensino médio a situação é quase a mesma: a maior parte dos desistentes é da rede pública, chegando a 10,4%, ou seja, 760 mil estudantes.

O fenômeno da repetência no Brasil no ensino fundamental tem como consequência outros sérios problemas, como a distorção idade-série (quando o aluno é reprovado ou abandona os estudos por dois anos ou mais), a evasão e o fracasso escolar. De acordo com Marcel Crahay (*apud* LACERDA; CIANORTE, 2007, p. 05), fica claro que a repetência não significa a melhoria do desempenho escolar e da aprendizagem nos anos posteriores.

O balanço das pesquisas disponíveis sobre os efeitos da repetência não tem ambiguidade: em regra geral, os alunos fracos que repetem progredem menos que os alunos fracos que são promovidos. Ou seja, pode-se considerar que a repetência constitui um meio contraprodutivo de fazer face às dificuldades de aprendizagem dos alunos fracos.

De todo o ensino fundamental, o 6º ano (antiga 5ª série) é a que tem o maior número de repetência no fim do ano letivo. Segundo Lacerda e Cianorte (2007, p. 03), este fato é atribuído ao despreparo dos anos anteriores, à mudança na vida escolar (ou seja, o aluno deixa de ter apenas uma professora que ensina todas as matérias e passa a ter vários que ensinam disciplina específicas) e “além do que o aluno está em processo de transição entre a infância e a adolescência.” Além de problemas intraescolares (o trabalho feito pelos professores, o projeto político pedagógico da escola, as avaliações de desempenhos etc.) que afetam a criança mesmo sem ela perceber, fatores extraescolares também influenciam para que ocorra a repetência:

Sendo estas situações relacionadas à má aparelhagem da escola, os métodos inadequados de ensino, a má formação dos professores, o elevado número de alunos por classe na escola pública brasileira, a sobrecarga da escola em suas funções, as construções escolares inacabadas e mal conservadas, os equipamentos em precária condição de uso, os baixos salários dos docentes, a formação e atualização continuada inexistente ou inadequada, o funcionamento escolar em regime de vários turnos, o pouco interesse governamental em promover parcerias com universidades públicas para respaldar o trabalho educativo dos docentes do ensino fundamental, a negação da legitimidade de conhecimentos e formas de vida formulados à margem dos limites socialmente definidos como válidos e a utilização de modelos inadequados, parciais e fragmentados de avaliação (VARANI; SILVA, 2010, p. 518).

No tocante ao diagnóstico psicopedagógico de um aluno, é importante considerar as relações que existem entre a produção escolar e as oportunidades oferecidas pela sociedade às pessoas das diversas classes sociais, principalmente das mais baixas. É certo que a pobreza é um fator influente para os problemas de aprendizagem, porém não pode servir de justificativa para o insucesso escolar da criança e assim isentar a escola, sua didática de sua responsabilidade.

Além da baixa autoestima e do estigma que a reprovação causa, são poucas as redes que têm uma proposta pedagógica (como grupos de reforço, por exemplo) para trabalhar de forma diferenciada com os alunos que estão repetindo uma série.

De acordo com dados do censo escolar do INEP no ano de 2012, nas escolas estaduais da cidade de Campina Grande – PB, é nos anos finais do ensino fundamental que se apresentam os maiores números de reprovações, 22% (3.836 reprovados), e de abandono escolar: aproximadamente 2.771 alunos deixaram de frequentar a escola durante o ano letivo ou tiveram frequência escolar insuficiente, representando 15,9%. Sendo o 6º ano o campeão em reprovação (28,4%) e abandono escolar (18,1%), engrossando os índices de outra grande preocupação da educação pública brasileira: a defasagem de idade e série.

2.2. Distorção idade-série

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (lei 9.394/1996) a criança devem ingressar aos 6 anos de idade no 1º ano do ensino fundamental e chegar ao 9º ano, concluindo aos 14 anos de idade esta modalidade. E dos 15 aos 17 anos, deve estar cursando o ensino médio. A distorção idade serie se dá quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista por lei para a serie é de 2 anos ou mais. Quando o aluno é reprovado ou abandona os estudos ele repete a mesma serie, por isso a repetência e a evasão escolar conseqüentemente geram a defasagem idade-série.

A progressão continuada é uma tentativa do Ministério da Educação (MEC) que objetiva combater o fracasso escolar, a evasão e a reprovação. Para muitos estudiosos este tipo de progressão promove o aluno sem garantia de que aprendizagem esteja ocorrendo de maneira satisfatória. Segundo eles, este seria também um dos motivos da grande quantidade de repetência e abandono escolares no 6º ano: alunos são aprovados no período entre o 1º e 5º anos, mesmo com grandes dificuldades em tarefas que deveriam dominar como a leitura, interpretação de textos e operações matemáticas simples, a conhecida aprovação automática.

Segundo dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) no ano de 2013, na cidade de Campina Grande-PB, cidade onde se desenvolve a pesquisa tema desta monografia, a defasagem na idade-série nas escolas estaduais no 6º ano do ensino fundamental chegou a 51% (de cada 100 alunos, aproximadamente 51 estavam com atraso escolar de 2 anos ou mais).

Capítulo 3: Pesquisando o 6º ano na EEEFM Professor Antônio Oliveira

A pesquisa será descritiva, pois segundo Gil (2002, p. 42) “as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.”.

Quanto ao método de pesquisa em que se baseia esta monografia foi usado o método quanti-qualitativo por acreditar que este “*design* de pesquisa [...] busca evidenciar que não há um modelo único para se construir conhecimentos confiáveis, e sim, modelos adequados ou inadequados ao que se pretende investigar ou ao objetivo da pesquisa.” (ENSSLIN; VIANNA, 2008, p. 14).

Como procedimento de coleta de dados foi feito um levantamento através de observação direta *in loco*, questionário semiestruturado (Apêndice A), que combina perguntas fechadas e abertas, com questões relevantes ao tema e informações sobre o rendimento escolar dos alunos diretamente do cenário da pesquisa.

O cenário da pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Oliveira, que fica situada no bairro de Santa Rosa na cidade de Campina Grande, Paraíba. Fundada há mais de trinta anos, a escola oferece desde o 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, inclusive contando com a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), funcionando os três turnos: manhã, tarde e noite.

A estrutura física da escola é composta por 10 salas de aula, 1 sala de informática, sala de direção e coordenação, 1 sala dos professores, 1 biblioteca, 1 secretaria, 1 cozinha, 1 banheiro masculino e 1 feminino para os alunos e 2 para professores e 1 pequeno depósito. Apesar do amplo terreno, a escola não possui quadra para práticas de esporte. Possui uma equipe de 25 funcionários, dentre os quais secretária, assistentes administrativos, vigias e auxiliares de serviços gerais.

A equipe pedagógica é formada por aproximadamente 30 professores, coordenadora pedagógica, psicóloga, psicopedagoga, 2 vice diretores e 1 diretora geral.

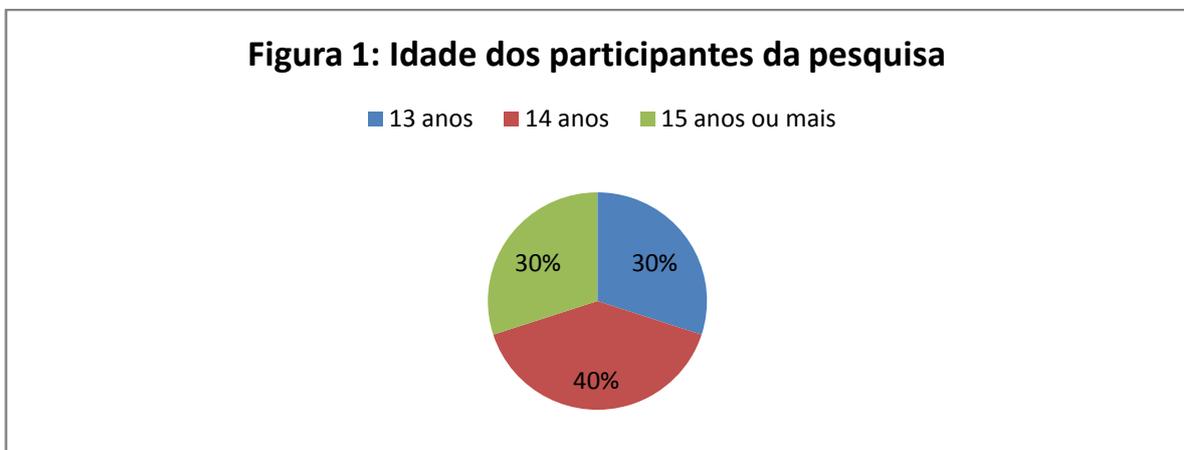
Para amostra da pesquisa foram escolhidos alunos de uma das turmas do 6º ano do Ensino Fundamental da escola já citada, por apresentar varias peculiaridades importantes para o questionamento desta pesquisa. O questionário semiestruturado foi respondido por 10 alunos (dentre eles 6 meninas e 4 meninos), que corresponde a cerca de 43,5% dos estudantes matriculados nesta turma.

As três turmas do 6º ano da escola no ano de 2013 possuem a média de 20 a 25 alunos matriculados por sala, com a faixa etária entre 10 e 12 anos (o que condiz com a idade-série prevista em lei). Porém as turmas A e B apresentaram o número de evasão e desistência escolar considerado até “dentro do previsto” da escola, com até 6 alunos evadidos em cada turma. Já o 6º ano C, universo desta pesquisa, dos 23 alunos matriculados, 11 destes evadiram ou desistiram durante o ano letivo. Além de apresentar maior faixa etária em relação a outras turmas da mesma série. Outro fator bastante importante e determinante para esta amostra ser escolhida para a pesquisa foi a indisciplina. A turma era conhecida como o “terror” dos professores e comentada por quase todos os educadores como “os que não querem nada com a vida”.

3.1. Apresentação e discussão dos resultados

Com a aplicação do questionário, muitas informações importantes para o desenvolvimento da pesquisa foram colhidas. Dentre elas alguns temas importantes para a pesquisa abordada no referencial teórico foram encontrados.

A turma do 6º C era composta por repetentes. Esta maneira de dispor os alunos, de maneira excludente, defendida pela coordenação da escola como “uma forma de não misturar alunos maiores, com os pequenos que estão entrando na escola”. Esta justificativa seria aceitável se a escola não fosse um ambiente que deveria promover a integração e educação de todos, sem distinção. Se ao menos a diferença de idade fosse gritante, porém segundo os dados obtidos, apenas 3 sujeitos (30% dos entrevistados tem 15 anos ou mais de idade). Esta maneira de dispor alunos por turmas pode gerar baixo autoestima, posto que alguns alunos de outras turmas chamavam turma c “a sala dos burros”.



Este gráfico aponta que 100% da amostra apresenta distorção idade-série. 30% já tem idade de estar ingressando no ensino médio.

A escola não pode ser um ambiente excludente, onde se rotulam sujeitos. É necessário mais preocupação para com o aluno que amarga à repetição, um trabalho complementar para alunos de uma série, a formação de grupos de reforço, etc. Ou então, os índices reprovação de evasão e desistência escolar nunca alcançaram os níveis desejados por todos.

Fatores como o benefício do programa Bolsa Família, se mostraram nesta pesquisa não tão importantes. 50% dos entrevistados afirmaram que seus pais/responsáveis são beneficiários deste programa social, enquanto os outros 50% (5 alunos) não recebem tal benefício.

Porém um dado observado *in loco* e informações obtidas através da pergunta aberta que continha no questionário foi à razão dada pelos próprios alunos pelo seu fracasso escolar. O motivo mais citado, por 40% dos entrevistados foi a bagunça. As outras razões citadas foram o excesso de faltas (20%), matar aula (faltar aula propositadamente) com 20%, e até o próprio desinteresse e a preguiça do aluno (20%). Um bom comportamento é essencial para o desenvolvimento das aulas, por isso a disciplina escolar é uma preocupação nos educadores.

Até porque, muitas vezes, a indisciplina pode ser um indício de alguma carência do aluno como, por exemplo, a falta de compreensão do conteúdo, que por falta de interesse por estudar e continuar prestando atenção. Sendo assim, este assunto, indisciplina, é muito relevante, pois, interfere diretamente no processo de ensino/aprendizagem (LACERDA, 2007, p. 14).

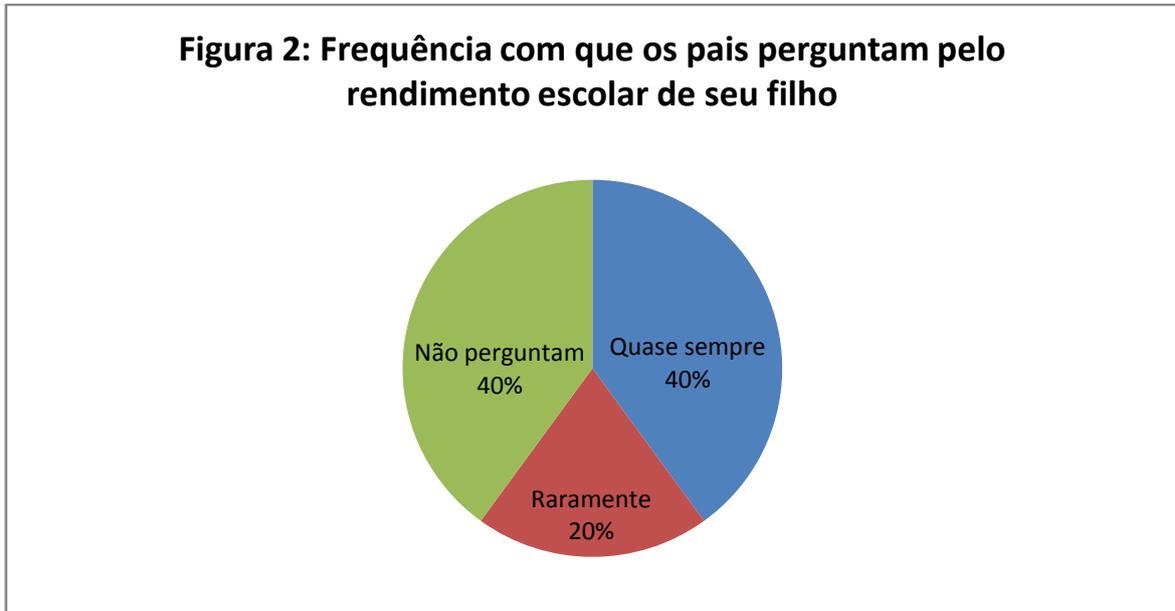
O que tem que se procurar é um novo conceito de disciplina que seja interativa, marcada pelo respeito, ética e participação do aluno construção do saber.

Por fim, os dados de maior relevância para este projeto de pesquisa: a participação da família. Segundo os entrevistados os pais que mais compareceram a escola em 2013, 3 ou 4 vezes durante o ano letivo, formaram 50% e são os pais dos alunos considerados mais indisciplinados e só foram com mais frequência porque eram convocados pela coordenação para se falar do “delito” do seu filho. 10% afirmaram que seu responsável compareceu a escola por apenas 2 vezes no ano. Já outro preocupante 40% revelaram que seus pais só compareceram apenas uma única vez na escola. E ainda teve aluno que perguntou se não tinha a opção “nenhuma vez” o que demonstra o tamanho e distanciamento dos pais na escola.

A escola também não sai isenta destes dados: apesar de ter tido eventos como a Caminhada pela Paz e a Amostra Pedagógica, apenas uma única vez no ano os pais foram

convocados para a Reunião de Pais e Mestres. A presença dos pais, nesta ocasião, não chegou a ser nem de 50%.

Ainda de acordo com os entrevistados, um dado preocupante: 60%, ou seja, mais da metade dos pais/responsáveis não perguntam ou raramente perguntam pelas notas e desempenho escolar de seus filhos, como visto na figura 2:



Alguns estudos associam que o interesse dos pais pela vida escolar de seus filhos diretamente com seu grau de instrução. Fica comprovado, de acordo com esta pesquisa, que este fato não tem relevância. 70% dos pais têm ensino médio (cursando ou completo) e ensino superior e mesmo assim a media de desinteresse pelo rendimento do seu filho é de 60%.

A estrutura família também apresenta par de igualdades: 50% afirmaram morar com seus pais; 40% vivem apenas com um dos pais (pai ou mãe) e apenas 10% afirma viver com outros parentes (no caso avó). Percebe-se que independente da estrutura escolar, grau de escolaridade, e a participação de programas sociais, o desinteresse dos pais em relação à vida escolar dos seus filhos tem atingidos níveis alarmantes. “A própria lei garante de participação familiar no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos, todavia, nem sempre as famílias se dispõem a esta participação”. (VIVALDO; LOPES, 2007).

Este afastamento familiar, seja pela escola ou pela própria vontade da família, tem prejudicado não apenas seus filhos de uma maneira isolada, mas de forma geral, a educação brasileira. É preciso pais e escola reconheçam a importância de cada instituição e assumam que unidas ambas podem encontrar o caminho para uma educação de qualidade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família e a escola são duas instituições que influenciam a vida do indivíduo do início ao fim. É no seio familiar que o indivíduo tem as primeiras impressões do mundo; é na família que a criança aprende costumes e hábitos que o influenciaram por toda vida. A escola por sua vez, meio educativo; o professor agente transformador da sociedade e formador de opinião, parte importante na construção do pensamento ético e do conhecimento.

A mudança do conceito de família ocorridas nos últimas décadas, de certa forma “forçaram” a escola e a educação em si a se adaptarem a esta nova realidade, uma proposta educacional para formar este “homem do futuro”. De acordo com Fiale (2012, p. 04) “O contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança.” Principalmente tratando-se de alunos do 6º ano, que atravessam uma fase tão complexa de mutações no corpo e na escola.

Ao realizar este trabalho ficou evidente que a conflitante relação entre família/escola é permeada por culpas onde deveria haver um sentimento de responsabilidade compartilhada. De acordo com Baltazar *et al.* (2006, p. 50):

É extremamente necessário que se evitem dissociações (tão frequentes...), nas quais os pais criticam a escola (projetando na instituição todos os aspectos negativos do processo de ensino aprendizagem e, por vezes, da conduta dos filhos) e a escola, por sua vez, faz o mesmo (projetando na família todas as incompetências, falta de colocação de limites, falta de participação, etc.).

É necessário que se melhore o canal de comunicação entre estas duas instituições que se adotem estratégias, por parte da escola, que permitam o acompanhamento dos pais do desenvolvimento dos seus filhos. E a família cabe assumir sua responsabilidade na educação moral da criança. O resultado desta pesquisa somente demonstrou em números o que já se sabe: não é possível fazer uma educação de qualidade, com um processo ensino aprendizagem favorável sem que haja a interação família/escola. A educação pública brasileira pede socorro, os níveis de analfabetismo, reprovação e evasão escolar são alarmantes. É preciso uma maior atenção dos seus pais a seus filhos, e por outro lado, uma maior abertura da escola para que se dê vez e voz à família, para que ela participe de forma efetiva da educação dos seus filhos. É indispensável que se criem situações onde seja possível o diálogo e a interação, onde exista

troca de saberes entre família e escola. Cada um cumprindo seu papel em prol de uma educação pública de qualidade no Brasil.

REFERÊNCIAS

BALTAZAR, J. A., MORETTI, L. H. T., BALTHAZAR, M. C. **Família e escola: um espaço interativo e de conflitos**. São Paulo: Arte & Ciência, 2006, p.176.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25 agosto 2014.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Nova Escola Gestão Escolar**. Publicado em Outubro 2003. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/como-atrair-pais-escola-423311.shtml>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, Ribeirão Preto, v.17, n. 36, p. 21-32, 2007.

ENSSLIN, Leonardo; VIANNA, William Barbosa. O design na pesquisa quali-quantitativa em engenharia de produção– questões epistemológicas. **Revista Produção Online**, v. 8, n. 1, 2008.

FIALE, Luciana Amaral. **Fracasso Escolar: Família, escola e a contribuição da Psicopedagogia**. Unifai [online] 2012. Disponível em: <<http://www3.unifai.edu.br/pesquisa/publica%20A7%20B5es/artigoscient%20ADficos/alunos/posgradua%20A7%20A3o/fracassoescolarfam%20ADlia-escola-e>> Acesso em: 01 setembro 2014

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

JARDIM, Ana Paula. **Relação entre família e escola: Proposta de ação no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo, 2006. Disponível em: < http://tede.unoeste.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-04-12T121858Z-12/Publico/DISSERTACAO_EDUCACAO_Ana%20Paula%20Jardim_%20texto.pdf> Acesso em: 20 dezembro 2013.

LACERDA, Chislaine Keile Fernandes Ruiz; CIANORTE, N. R. E. Repetência e fracasso escolar. In: **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica, 2007/Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. – Curitiba: SEED-Pr., 2011, pág. 01-25 – (Cadernos PDE)**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1049-2.pdf>>. Acesso em: 20 dezembro 2013.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2010, vol.27, n.1, pp. 99-108. ISSN 0103-166X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem**. 2012. Disponível em:

<<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2264/1/AnaPicanco.pdf>> Acesso em: 25 jan 2014.

QEDU: Aprendizado em foco. **Distorção Idade-Série (2012)**. <http://www.qedu.org.br/cidade/4043-campina-grande/distorcao-idade-serie?dependence=2&localization=0&stageId=initial_years&year=2012> Acesso em: 25 jan 2014.

_____. **Taxas de Rendimento (2011)**. <<http://www.qedu.org.br/cidade/4043-campina-grande/taxas-rendimento/rede-estadual/rural-e-urbana>> Acesso em: 25 jan 2014.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:** a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

TOKARNIA, Mariana. Com Bolsa Família, alunos do Norte e NE têm aprovação maior que média. **UOL Educação**, Mata de São João, 16 maio 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/16/no-e-ne-com-bolsa-familia-alunos-tem-aprovacao-maior-que-media-do-pais.htm>> Acesso em: 25 jan 2014.

VARANI, Adriana; SILVA, Daiana Cristina. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Em: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 91, n. 229, 2010.

VIVALDO, Leonardo. LOPES, Analídia. A influência da família no rendimento escolar do indivíduo. **Revista P@rtes**, nov. 2007. ISSN 1678-8419. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/familiaerendimento.asp>> Acesso em: 15 de jan. 2014.

ZANELLA, Liane. Aprendizagem: uma introdução. In: ROSA, Jorge La. **Psicologia e Educação: o significado de aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

APÊNDICE

- APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos

1- Qual sua idade?

12 anos 13 anos 14 anos 15 anos ou mais

2- Você mora:

com seus pais só com sua mãe só com seu pai com outros parentes (avós, tios, etc)

3- Com que frequência seus responsáveis perguntam por suas notas?

quase sempre raramente não perguntam

4- Quantas vezes seu responsável compareceu à escola, ao longo desse ano letivo?

uma duas três quatro ou mais

5- Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

fundamental incompleto

fundamental completo

médio incompleto

médio completo

superior

6- Seus pais ou responsáveis são contemplados do Programa Bolsa Família?

sim não

7- Você já foi reprovado?

sim não

8- Se sim, quantas vezes?

uma duas três quatro ou mais

9- Em sua opinião, qual o principal motivo de sua repetência?